

SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DAS COISAS E DO SABER FAZER A PESCARIA NAS MURUADAS DO RIO ARAÍ

Miguel de Nazaré Brito Picanço

Secretaria de Estado de Educação - PA

Secretaria Municipal de Educação e Cultura - Belém

submissão: 04.03.2022 | aprovação: 13.09.2022

Este ensaio é um recorte do campo fotoetnográfico deste paraense e aprendiz de etnógrafo/antropólogo, que tem se debruçado em estudar e descrever, por meio de narrativas fotoetnográficas, as experiências que advêm das pescarias do rio Arai, em particular, dos pescadores de camarão (*Litopenaeus vannamei*) que habitam a comunidade de Arai, no meio rural do município de Augusto Corrêa, na Amazônia atlântica, Nordeste paraense.

Torna-se necessário registrar que a pesca de camarão é uma atividade que sustenta não apenas a comunidade Arai, mas também várias localidades da região Bragantina e do Salgado paraense, que assim como em Arai, vivem tradicionalmente da mariscagem e da pesca artesanal. Por conta da intensa produção de camarão, foi atribuído à comunidade de Arai o epíteto de “Terra do Camarão”, título que se mantém, apesar da considerável baixa na produção do crustáceo (Picanço 2018).

No caso de Arai, a pesca artesanal corresponde à totalidade da atividade pesqueira de camarão, que se concretiza ora pelas muruadas¹ fixas (conforme mostram as imagens 3 e 4), ora pelas muruadas móveis (conforme mostram as imagens 5 e 6). Destarte, se faz importante frisar que os processos que culminam com a produção do crustáceo são decisivos para a economia da comunidade, não apenas pela comercialização, que sustenta inúmeras famílias do lugar, como também pelas negociações empreendidas nas tabernas locais, onde se processam as compras dos materiais necessários para a subsistência dos pescadores durante o período da pesca, a saber, farinha d’água, sal, tabaco, cigarros etc.

Afora isso, não seria descabido asseverar que as experiências das coisas² e do saber fazer da pescaria no rio Arai, além de “povoarem” e sustentarem a economia do lugar, constituem-se, também, em práticas tradicionalmente elaboradas, socializadas e coletivizadas por diversos processos de sociabilidades, particularmente por aqueles proporcionados por situações de comensalidades, que ocorrem no rancho (Imagem 2) durante os processos de torra e de degustação de camarões e de outros frutos do mar, ao quais, com regularidade, entremeiam a “mesa” dos pescadores. (Imagens 7,8,9).

Faz-se necessário esclarecer que os ranchos, que são as casas dos pescadores, durante o perío-

¹Muruada é um artefato feito de moirões de árvores nativas, que são milimetricamente afixados distantes um dos outros, em pontos estratégicos do rio Arai. Para que os camarões sejam capturados, as puçás são afixadas entre um moirão e outro.

²As coisas aqui pensadas são todas aquelas que povoam as experiências dos pescadores, tais como: barco, canoas, muruadas, puçás, ranchos etc. Assim, as coisas, ou melhor, como diria Ingold (2015: 29), “a coisa [...] é um devir, um lugar onde vários acontecimentos se entrelaçam [...] é um certo agregado de fios vitais [...] nos quais ao longo da caminhada a coisa é constantemente formada”. A coisa, portanto, não é uma forma imposta por um agente, mas uma forma que é construída no emaranhado dos fios da vida. Sendo assim, as coisas têm vida, inclusive vida social.

do de pescaria, “povoam” as margens do rio Araí. Eles são propriedades privadas, mas durante as atividades pesqueiras tornam-se casas coletivas, isso ocorre porque nem todos os pescadores são proprietários de ranchos, por isso, são hospedados nos ranchos de outros companheiros de trabalho com quem estabelecem relações parentais ou de amizade. Aliás, são essas relações, de parentesco e de amizade que emaranham e performam as experiências de pescarias de camarão no rio Araí.

Assim, o rancho parece ser, antes de qualquer outra coisa, uma instituição socioalimentar, um espaço fundamental para a continuação não somente do ato de pescar camarão, mas particularmente para a manutenção e perpetuação dos laços sociais dos pescadores, pois é nele que as experiências sociais se dão de maneira mais intensa, mais próximas. É ali que ocorrem, como em nenhum outro lugar do rio, os encontros que figuram e perpetuam as lógicas de pertencimento as territorialidades do mundo-vida das marés e da arte de pescar nos rios da Amazônia atlântica. É nesse lugar de pertencimento, chamado rancho que ocorrem as conversas mais prazerosas e intensas, é onde as decisões coletivas são tomadas e os acordos que norteiam o saber e o fazer dos pescadores são firmados. É um lugar de sociabilidades e de comensalidades singulares, que ocorrem todos os dias antes e depois da pescaria de camarão.

Então, são sobre as experiências que sustentam um jeito próprio de pescar e viver dos caboclos pescadores do Nordeste paraense, particularmente daqueles de Araí, que “falam” as imagens (Samain 2012; 2005) deste ensaio fotoetnográfico.

REFERÊNCIAS

Ingold, Tim. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos* 19(37): 25-34. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002>.

Picanço, Miguel de Nazaré Brito. 2018. *Na roça, na mesa, na vida: uma viagem pelas trajetórias da mandioca, no e além do Nordeste paraense*. Belém: Paka-Tatu.

Samain, Etienne. 2012. *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp.

Samain, Etienne. 2005. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/SENAC.



Imagem 1 – A caminho da pescaria. Foto: Miguel Picanço (2019).



Imagem 2 – O rancho, a casa do pescador. Foto: Miguel Picanço (2019).



Imagem 3 – Na muruada fixa. Foto: Miguel Picanço (2019).



Imagem 4 – Na muruada fixa, a despescar o puçá. Foto: Miguel Picanço (2019).



Imagem 5 – Na muruada móvel, fixando a puçá. Foto: Miguel Picanço (2019).



Imagem 6 – Na muruada móvel, a despescar a puçá. Foto: Miguel Picanço (2019).



Imagem 7 – O banquete de pescador. Foto: Miguel Picanço (2019).



Imagem 8 – A torra do camarão. Foto: Miguel Picanço (2019).



Imagem 9 – O almoço no rancho. Foto: Miguel Picanço (2019).